

N.º 6



RENOVAÇÃO

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 107*
Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa* Telefone: *Trindade 5 3 9*

SUMARIO do numero anterior:

Saint-Barthelemy, com a reprodução dum desenho da época —
O 176.º aniversario do nascimento do poeta Goethe, com gravuras —
O Semeador, com desenho de *Stuart Carvalhais* —
Os progressos do feminismo, com gravuras — **As mais antigas ruínas do mundo**, com gravuras — **As duas faces da Revolução** por *Adolfo Morais*, com ilustrações de *Rocha Vieira* —
Os jardins publicos, com gravuras — **Actualidades**: O Congresso Internacional Socialista de Marselha; **Maximo Gorki** —
Pequenas descobertas praticas — **O Mundo curioso** — **Hors-texte**: Na Escola, quadro de *A. Sédillot*.

Ano I — Numero 6

Lisboa, 15 de Setembro de 1925

O presente número é acompanhado de um *Hors-texte*

Renovação

AS VINHEDIMAS

Este Setembro das romarias e das vindimas é o mês fadado pelos deuses para as alegrias sãs da terra.

O oiro esbagoado das messes há muito já que repousa na frescura das tulhas.

Das bandeiras galhardas dos milharais, desprende-se o pó doirado que há de ir, por misterioso conduto, entumescer de vida o grão nas maçarocas.

Nos pomares pendem os frutos mais ricos e perfumados da sazão, todos corados do sol e nas hortas rasteiras avolumam os melões fragrantados e surgem as melancias, prodígios de frescura.

O Sol começa a aproximar-se da terra para as núpcias eternas da vida e do alto caem cada vez mais obliquos e doces os raios doirados da sua juba ardente.

Vai pela terra um alarido de festa. Canta-se e dança-se nas romarias num delírio pagão de propiciar os

deuses bemfazejos e o amor expande-se em tumulto, numa ânsia de egualar a natureza fecunda e rica de dons.

Tudo se congrega e aprimora para o grande ritual das vindimas, a festa por excelência da terra, aquela em que a natureza entremostra as delícias sonhadas do paraíso.

Vindimar é entoar o mais alegre hino à felicidade da vida campestre, à alegria e ao prazer.

Primeiro a apanha dos racimos doirados ou negros, mas sempre doces e sumarentos. As raparigas, vestidas de garridos trajos, cantam e

retouçam como numa festa e os rapazes, em filas, transportam os cestos vindimos, afuzelados e primitivos, donde transbordam os cachos

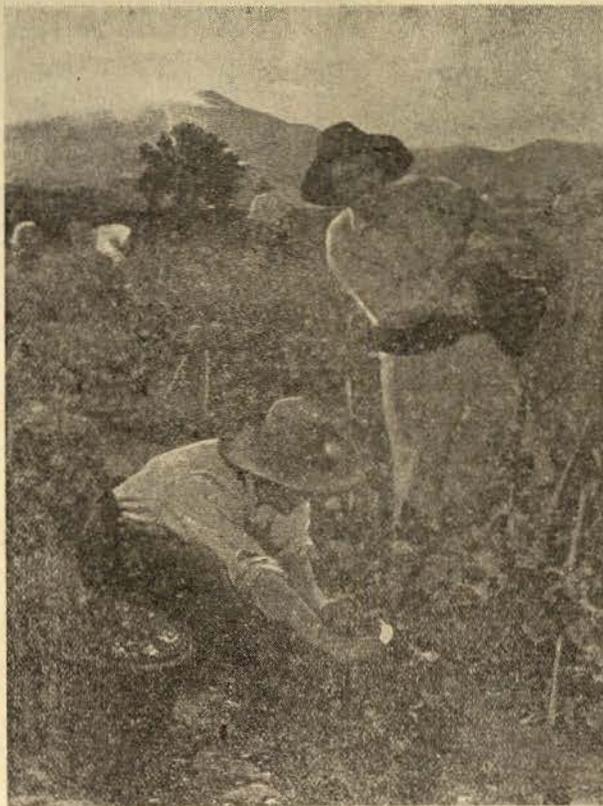
Depois é a escolha, que parece despreocupada, mas é atenta, feita por elas entre risos e cantigas de amor.

Logo no lagar, de pé e perna, se comprimem os bagos, que dão o mosto rubro ou doirado que escorre, espesso, da bica, para os cangirões das provas, ou para os toneis onde fermenta e se transforma, de néctar dos deuses em inquietação dos homens.

Que o vinho tem isso de semelhante com os seres humanos. Quando menino é doce e meigo como um infante. Não perturba, não irrita, não mata. Cresce e modifica-se inteiramente. Em vez de dar vida é veneno. Gera todos os vícios maus que roem a espécie. Corrompe e alicia. Embriaga e leva ao delírio e à morte.

Isso não impede, porém, que seja cheia de rústica beleza a sua colheita e aqueles que colhem as uvas e as pizam não curam dos efeitos do líquido delicioso e terrível.

Não pensam nisso, como não pensam que a sua faina alegre será cotada nos mercados do mundo, por agiotas e bolsistas. Por êsses, que à mesma hora, enquanto se folga e ri e ama nos lagares e nas casas de malta, se curvam sobre uns papeis cobertos de signos misteriosos e fazem cálculos e combinações, para atribuir preços fabulosos a êsse agradável veneno.



A DANSA E A GINASTICA RITMICA



A música e a dança não são verdadeiramente artes. São fenômenos gerados no sentido rítmico da espécie. A ânsia de movimento e a de ruído, dinamização desta, criaram a música e a dança, quasi sempre agregadas e que inicialmente tiveram um significado litúrgico e erótico.

A dança é inseparável da música e classificá-la de arte é desviar o sentido primeiro do termo, que para os gregos que o criaram (aretê), dizia virtude.

Dansar, dentro de regras convencionais é a estilização das práticas que precedem a cópula e que tem a sua franca manifestação nos bailados dos selvagens, excitantes e sugestivos. A música e a dança não são mesmo mais do que veículos de sugestões libidinosas ou guerreiras.

Interessa o estudo desses fenômenos mais sob o ponto de vista etnico e antropológico do que estético. Porque a estética tem pouco que ver com a grande maioria das manifestações pseudo-artísticas de quantos dançam ou executam música. Essas duas práticas são instintivas na espécie e muitos seres inferiores da escala zoológica as exercem ou facilmente as aprendem.

Com as outras artes não sucede o mesmo. São função da super-inteligência — do génio.

Dar, ou procurar dar, harmonia aos sons é uma contingente tarefa.

Nada há que varie tanto, com as raças, com as épocas, com os climas, com os sexos, com as idades, como o sentimento da harmonia. Concebida essa harmonia pelo compositor musical, o intérprete dela varia ao infinito a sua execução. E sem contarmos mesmo com as variações auditivas do ouvinte, o seu estado de

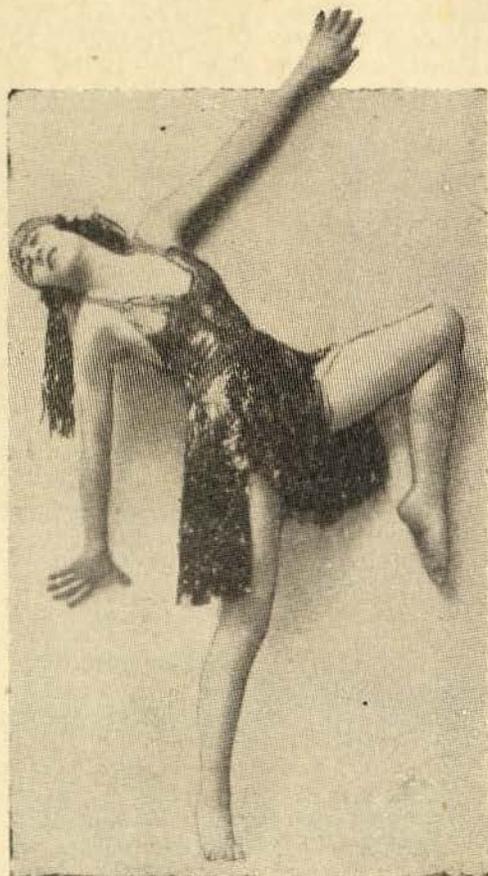
espírito e o ambiente onde se dá a audição, poderemos garantir afoitamente que quem ouviu mil vezes a 5.^a sinfonia, ouviu mil composições sempre diferentes.

Com a dança, se se busca nela o ritmo das atitudes, a variação é também infinita. A indiosincrasia de cada ser altera constantemente a dinamização da dança. Dansar bem não é função da inteligência ou da cultura e nem mesmo são os mais belos os que dançam melhor.

Ponhamos de parte o sentido esótico da dança, que é o predominante, e teremos ainda de reconhecer que dansar é imoral.

Onde se baila? Quem baila? Como se baila?

Baila-se nos casinos de tavalagem, nos salões do alto-pirismo e nas romarias e arraiais. Bailam os desocupados, a escória da sociedade, e o povo rude que não sabe satisfazer a necessidade de movimento pela variação do trabalho. Baila-se sob a acção do alcool ou do cio, por





A VERDADE — quadro de E. Debat-Ponzeau

Renovação

N.º 6

exaltada necessidade fisiológica, procurando os contactos e as atitudes que mais se aproximam do gesto eterno da cópula.

Sobre ser imoral, dansar é ridículo.

Evidentemente que não nos referimos à coreografia scénica, exhibição de poses plásticas, de esculturas vivas. Vimos as dansas de sala, prenda das meninas burguezas e delicia dos mancebos viciosos. A dramatização de sentimentos em passos e atitudes é função histrió-



nica que a arte dramática estuda. A coreografia só se compreende no tablado. Ainda se admite ao ar livre, nas feiras e arraiais tal como o povo instintivamente a pratica, sem subterfúgios, nem hipocrisias, sem lhe chamar arte, antes exprimindo claramente o que pretende, praticando-a.

Nas salas da «sociedade», porém, a dansa é dum ridículo extremo. Quere seja nos grandes bailes oficiais, nas recepções da alta, ou nos forrobodós da média, nos chás dansantes ou nos jantares à americana, dansar, pelo grotesco das atitudes, pelo hilare dos movimentos estudados, pelo pretencioso dos vestidos e dos arrebiques — é confrangedor, por traduzir à maravilha a estupidez humana. E se fosse só a estupidez... Entre os «civilizados» os bailes são sempre feiras de carne humana onde os pais vão vender as filhas e quantas vezes os maridos alugar as esposas.

A necessidade de movimento, que para alguns seres é manifestação delirante, encontra hoje derivativo nos desportos. A's valsas, às polcas, às mazurcas, aos *schotisch*, aos *pas-de-quatre*, às quadrilhas e aos lanceiros dêsse século XIX, que tão alto subiu na investigação

sciéntifica e tam baixo desceu no ridículo dos costumes, sucedeu o *lawn-tennis*, o *foot-ball*, o *golf* e o *hockey*, a equitação e a natação, o *box* e a *canotage*.

Alguma coisa de melhor e de mais belo surgiu neste século da cultura física — foi a ginástica rítmica, o desporto que deve ser preferido pelas mulheres, o único que se deve ensinar às crianças.

A ginástica rítmica, pela graça das atitudes, pela alada-elegância das linhas que escultura, pela correcção que traz às fórmulas, pelo exercício que dá aos tecidos, tem da dança a parte espiritual e encantadora e ao desporto arranca tudo quanto elle pôde emprestar em força e dextreza, sem a grosseria dos jogos, das lutas.

Pela estilização dos movimentos, a ginástica rítmica aproxima-se das belas atitudes da coreografia clássica, hierática e calma.

Não há nessa scrtilega manifestação de beleza sugestões inferiores, há estudada harmonia, há o exercício físico sublimado, despido das suas crostas de grosseira preparação para a guerra.

Assistir a uma aula de ginástica rítmica, dessas que dirigem artistas de afinada sensibilidade, que são verdadeiramente artistas plásticos, que esculturam a carne, como o estatuário o marmore, dá illusão nítida do re-



gresso aos tempos heroicos dessa Helade de maravilha, onde a beleza das atitudes e a música dos gestos, se exhibia sem convencionalismos, altivamente, no grande teatro da Natureza, para regalo dos deuses.

IMPRENSA OPERARIA



A policia revistando um vendedor do «Pravda» em procura dum número apreendido em 1912

A notável influência do jornal de fábrica na consciência do trabalhador — Uma interessante inovação inaugurada com êxito na Rússia e experimentada com sucesso na

Alemanha



Um vendedor do «Pravda» tira um número apreendido dum algeroz para entregar a um comprador

São bastante notórias, e fazem já parte do senso vulgar, as vantagens garantidas pelo jornal na defeza de interesses e aspirações dos humanos. Quer servindo o egoísmo do burguês ou afirmando a justiça do operário, o jornal tornou-se uma força invencível, cujos movimentos enchem de inquietação ou de esperança a alma dos indivíduos. O espírito revolucionário, em todas as épocas de rebelião e em todos os campos de idéas, tem compreendido melhor do que o conservador, a função do jornal.

Por isso é que, ao mesmo tempo que a luta de classes atinge a sua mais intensa acuidade, o seu mais violento apogeu, a imprensa operária está tomando um notável desenvolvimento, especialmente nos países onde essa luta é mais acesa. Os jornais operários são hoje em número infinito, e nenhum governo já encontra eficácia nos seus recursos predilectos, a supressão e a censura, para combater e inutilizar a influência que no espírito da multidão exerce a nova imprensa.

A situação é grave para a burguesia. Grave e insolúvel. Sabe-se pelo que ensina a história contemporânea, que a queda dos grandes e despóticos poderes tem sido sempre precedida de uma espantosa actividade de panfletos e de jornais. O exemplo mais notável dá-no-lo a Rússia, que possuía imprensas clandestinas e publicava uma infinidade de jornais que apareciam, mau grado a perspicácia da policia, nas mãos de toda a gente. O «Pravda» foi o jornal que mais se distinguiu na luta contra o czarismo, e o seu nome era recordado com muito mais terror do que os trágicos atentados que ensanguentaram a grande nação.

O czarismo não podia perdoar a influência daquele jornal no espírito popular, que se agitava a cada campanha, que rugia a cada grito impresso, e desencadeou sobre êle uma feroz repressão, tão eneficaz que a folha resistiu — e subsistiu à queda do poder secular e temido. Outrora, ser portador de um exemplar do «Pravda» era possuir um passaporte para a Siberia; a policia perseguia os vendedores que, apesar disso, usavam dos expedientes mais variados para a distribuição do jornal.

Da repressão do czarismo surgiu a noção popular do jornal. No actual regime da Rússia publicam-se numerosos jornais que podem exercer a sua influência desde que achem o governo constituído — como succede em todas as democracias.

Contudo, as tiragens são superiores às do período ante-revolucionário e a difusão da imprensa vai até os mais pequenos detalhes. Ultimamente, criou-se um novo e curioso tipo de jornal para o povo, ao qual se deu o nome de jornal *mural* por ser afixado nas paredes. Êste jornal dá conta de todos os factos que interessam aos operários de uma fábrica, aos camponeses de uma granja, aos moradores de uma localidade. A elevação do caracter pessoal e do brio profissional, a organização metódica do trabalho, o aperfeiçoamento da produção, o bem estar dos trabalhadores e até as pequenas questões das oficinas são tratadas no jornal *mural* com todo o interesse. Emfim, esta nova forma de propaganda proletária visa principalmente à modificação dos costumes, apagando no operário os defeitos de educação que a moral burguesa deixa no seu caracter.

A factura destes jornais é função dos operários do estabelecimento a que digam respeito. Todos os que trabalham na oficina são redactores do seu jornal: mandam para a redacção o seu modesto artigo, dissertando sobre questões de técnica, de profissão e até de simples aspirações pessoais. Um camarada mais ilustrado dará a êsses artigos a ortografia e a lógica gramatical que, porventura, não tenham. Outros dactilografam-nos, fazem à mão os desenhos que animam as páginas, traçam a caricatura dos alvejados pela sátira.

Os colaboradores dêstes jornais são agrupados em grêmios de correspondentes operários. Nestes grêmios aprendem os trabalhadores como se deve tratar um assunto no jornal, como deve ser dado à intuição do publico e como se deve dar o melhor aspecto gráfico. Em Moscovo foi fundado um Instituto de Jornalismo, no qual jornalistas e professores lecionam carinhosamente os correspondentes operários. Para dar conta dos progressos feitos

DER ZUSCHLÄGER



N.º 1 **BETRIEBSZEITUNG** N.º 1
Der J.M.F. Hartmann, Zweigwerk Dresden

MOGO WEM GOTT WILL STRAFEN FÜR SEINE SÜNDEN,
DEN LÄSST ER SICH HARTMANN'S ARBEIT FINDEN

WAS WIR WOLLEN.

Der 'Zuschläger' erscheint als eine Zeitung der Arbeiter und Arbeiterinnen des Betriebes J.M.F. Hartmann Zweigwerk Dresden. Er will auf die Frechheiten und Übergriffe der Direktion, der Meister und sonstigen Arbeiter mit derben Schlägen antworten.

Der 'Zuschläger' wird alle Schmarotzer eckel- und heillos anprangern.

Er wird die Missetaten aller Arbeitenden des Betriebes verteidigen, er wird mit derben Schlägen dazwischenfahren, wo die Ausbeuter die Arbeiter den painigen und unterdrücken. Wir hoffen, neue Freunde und Käufer zu gewinnen.

pelos jornais murais, realizam-se constantes exposições que vão aproveitar às folhas operárias mais atrasadas ou inexperientes.

Da Rússia, onde se generalizou, a interessante inovação passou rapidamente à Alemanha, onde se estão fazendo os primeiros ensaios com bastante sucesso. Nos ensaios já feitos, tem-se verificado que o operário mostra mais interesse pelo jornal da sua oficina do que pelo jornal do seu partido, da sua terra, ou mesmo do seu sindicato. Às vezes, o jornal mural, o jornal da oficina é lido na fábrica visinha com o mesmo interesse. É que a primeira vantagem desta inovação consiste em os operários se conhecerem menos superficialmente, interessando-se pelo que se passa entre eles, no trabalho e na convivência de todos os dias. A consequência mais grata é a solidariedade que logo se estabeleceu, fazendo ausentar o egoísmo e a desconfiança e atraindo a amizade e a consideração mútuas, formando-se, assim, pelo espírito e pelo contacto, uma força que irá sendo formidável na luta contra o capitalismo.

Outra vantagem reconhecida nos ensaios feitos na Alemanha — porventura, um povo mais adiantado do que o russo — é a auto-educação racional a que o jornal da oficina leva o operário que o lê e que o escreve. De número para número, as emendas feitas nos originais diminuem, as idéas tornam-se mais consistentes, a escrita revela uma maior segurança, os assuntos ganham mais interesse.

Os jornais murais foram conquistando popularidade. Houve necessidade, em certas grandes fábricas, de

imprimir os jornais, porquanto as tiragens subiam sempre. Apenas, os jornais de pequenas oficinas continuaram sendo dactilografados. O efeito desta popularidade começou assustando os capitalistas e a repressão começou por interditar a distribuição à saída das oficinas. A estupidez da polícia é universal: com esta proibição supoz ter morto o que ela chamava o «bacilo espartaquista». Mas a verdade é que o pequeno jornal de oficina aparecia nas mesas, afixado à porta ou no interior, era lido às refeições e comentado nos rápidos intervalos do trabalho. Fôra inútil a medida repressiva; então, a polícia perseguiu os conselhos de fábrica, julgando que cada um dos seus membros fosse redactor da «odiosa folha». Contudo, as folhas não deixaram de sair, apesar da grande falta de fundos, que embaraça mais do que a repressão policial.

Nos centros industriais alemães prosseguem as tentativas de introdução da imprensa de fábrica. Os êxitos tem sido poucos e a existência muito efêmera. O jornal que mais tempo se mantém é o *Proletario de Leuna*, que se publica há mais de um ano incomodando unicamente os capitalistas da fundição de aço de Leuna, um dos quais, o sr. Oster, observava uma vez: «estão reaparecendo os sintomas da revolução espartaquista de 1921». Este jornal mostra-se muito combativo publicando caricaturas ridiculas ou grotescas dos directores da fundição de Leuna e denunciando escandalos e negociatas, acusando-os de numerosos crimes e proclamando o direito á fabrica pelo proletariado.

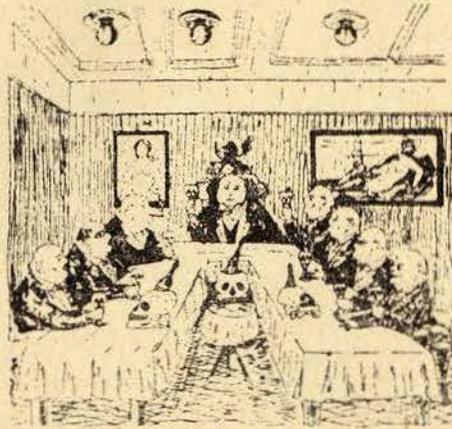
A direcção ficou furiosa com estes ataques e notando bem o efeito que produziam, começou a repressão. Era despedido todo o operário que fosse apanhado a ler ou



distribuir o «afrontoso pasquim», do que resultou uma grande diminuição na venda. O jornal apregoava-se publicamente, nas ruas de Leuna, sendo vendido aos milhares. A policia interveiu, mobilisada como para uma luta armada, e passou a perseguir também os vendedores. A direcção da fábrica oferecia um grande premio a quem denunciasse os redactores, esses jornalistas desconhecidos que a policia procurava ansiosamente — sem os encontrar nunca. A resposta imediata a esta grotesca perseguição foi a saída de um numero especial do *Proletario de Leuna* mais combativo do que nunca, ostentando na primeira pagina a caricatura do gerente da fábrica figurando Adão no paraíso. Refinaram as perseguições, mais operarios foram despedidos, mais buscas policiais se fizeram — e a venda a diminuir de tal forma que foi orçoso distribui-lo gratuitamente, para manter a luta.



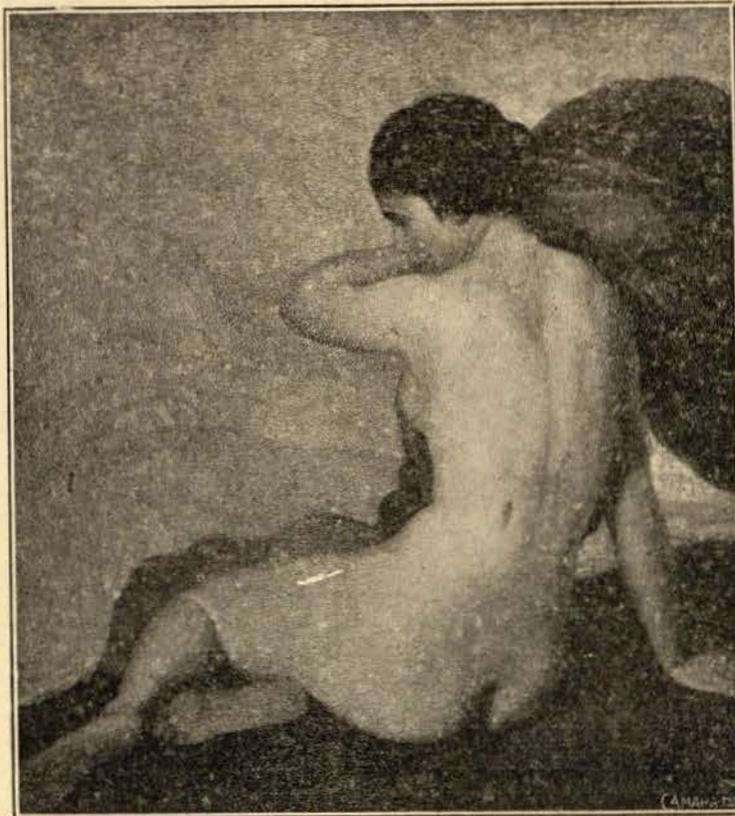
„Aus den Schädeln der Arbeiter wollen wir Sekel saulen --!“



La salle de réunion de l'usine au sein de laquelle les communistes de Leuna se réunirent en 1912.

O jornal, porem, sucumbiu. E durante três meses esteve muda a voz revolucionaria. A exploração sobre os operarios da fundição de Leuna atingiu a brutalidade, os despedimentos continuaram. Então, os explorados de Leuna fizeram reaparecer o seu jornal. Foi uma desagradável surpresa para a direcção deparar novamente com o *Proletario de Leuna* nas paredes das suas oficinas. Foi uma grande alegria para os operarios, que escutavam de novo a voz da sua justiça. A publicação deste jornal tem sido a mais dura experiencia de imprensa mural feita na Alemanha. Frutifica, porem, a experiencia: o numero de jornais de oficina aumenta, são cada vez mais os seus leitores, e este novo genero de propaganda inquieta a burguesia que não sabe como lutar contra o novo e perigoso inimigo, tão pequeno no tamanho e tão grande em força, apesar de todos os sistemas de repressão.

Nota
de Arte



NÚ — quadro
do pintor catalão
Julio Morales,
recentemente ex-
posto em Madrid

OS PÓLOS E OS ESQUIMÓS

As explorações polacas — O amor à ciência — Uma raça de homens desconhecida — Os costumes dos habitantes dos pólos.

Depois de dominar toda a terra, de lhe devassar todos os recantos, o homem, orgulhoso e ativo, desejou dominar também essas pontas da terra que já não são terra que são gelo — os pólos.

O homem tinha vencido os mares, sulcado as brenhas milenarias; conquistado o espaço e à medida que se elevava, que se aproximava das estrelas, mais despeitado se encontrava por não ter desfraldado suas bandeiras nessas extremidades da terra, que são os pólos.

Os pólos têm sido e são a obsessão de muitos homens de ciência, de exploradores arrojados que para ali partem quasi com a antecipada certeza de não voltar...

Quasi não se passa um ano que não se fale do fracasso duma expedição polar. Os pólos continuam a guardar seu mistério, seus enigmas e de todos os que se arrojam a desvendá-los, eles se vingam inexoravelmente.

Apesar disso, porém, o homem não renuncia, e de quando em quando novas cruzadas organiza para explorações polares.

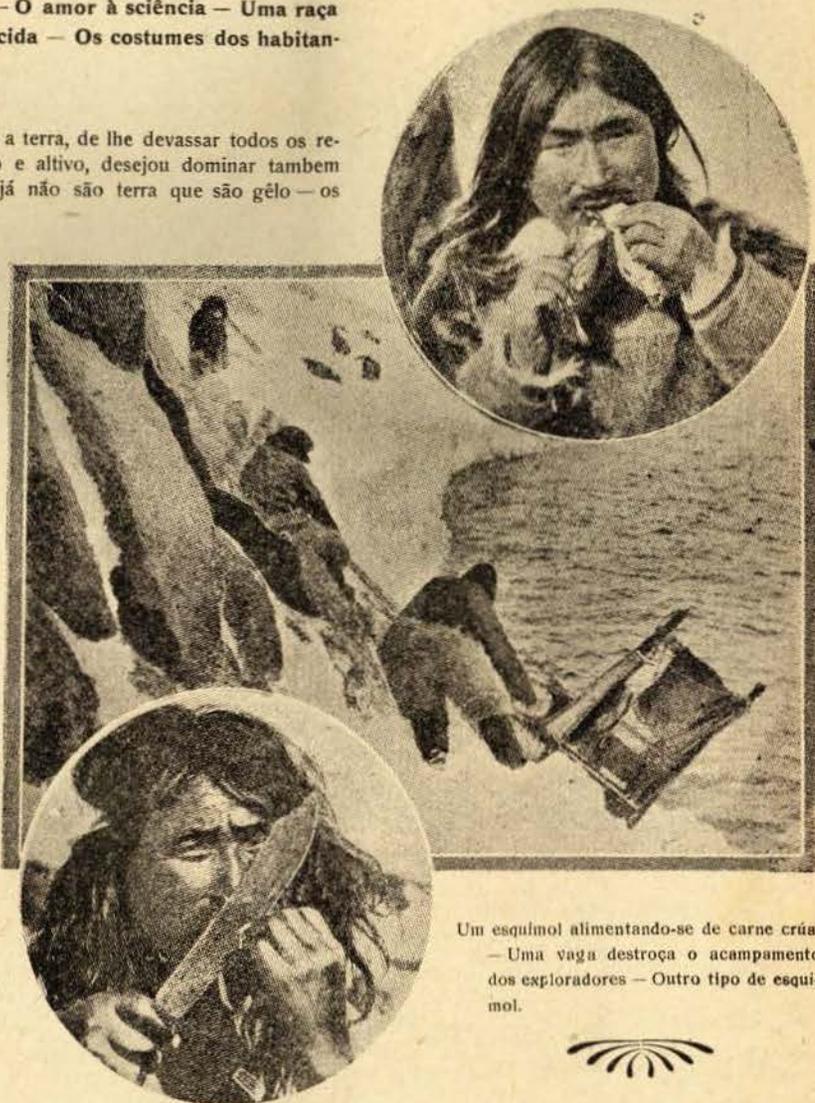
Amor à glória? Sim; mas também, e muito mais, amor à ciência.

Os últimos exploradores foram Schektonn, Amudsen e Dounald Mac Millan.

Nenhum deles foi absolutamente coroado de exito e até o primeiro encontrou a morte deante da sua arrojada expedição. Mas dessas viagens alguma coisa de util se colheu, fazendo-se novos estudos sôbre a vida dos esquimós, das focas e de certas aves que até hoje eram quasi desconhecidas para os zoologos.

Com êste mesmo artigo damos aqui as fotografias de alguns elementos colhidos pela expedição Mac-Dounald.

Muitas vezes o capitão Mac-Dounald teve de se servir de tremós puxados por cães, como na Rússia; outras de

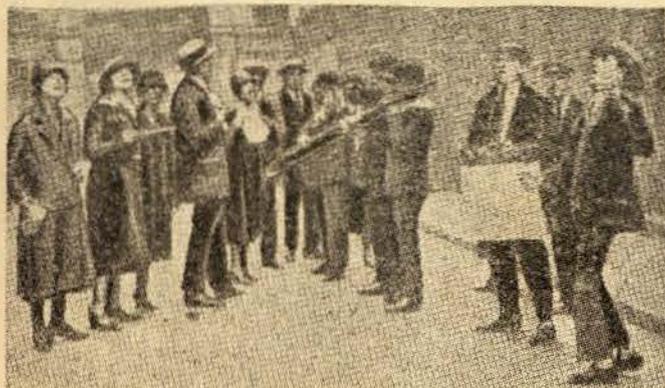


Um esquimol alimentando-se de carne crúa.
— Uma vaga destroça o acampamento dos exploradores — Outro tipo de esquimol.

furtar seu navio, numa guinada lesta, aos *ice-bergs* que encontrara nas proximidades do Polo e que constituíam uma verdadeira fatalidade.

Os esquimós, porém, que formam a raça que mais próximo vive dos gélos eternos, revelaram a Mac-Dounald costumes que só por si justificaram os perigos da viagem. E êsse esquimol que aqui reproduzimos e que está cortando com uma faca feita de osso de foca, um pedaço de carne crua, quando esta já se encontra na boca, dá bem uma ideia do interesse que para os europeus pode ter essa raça quasi desconhecida.

Greve do pessoal bancario de Paris



Os empregados bancarios de Paris tocando e cantando nos boulevards. Terminou a greve dos empregados dos Bancos de Paris, contando-se os grevistas por milhares. No decurso da greve registaram-se varios incidentes entre os grevistas e a policia. Os empregados bancarios em greve conservaram-se em sessão permanente. Enquanto aguardavam o resultado das diligencias e as ordens do comité, os rapazes entre-



Durante a sessão permanente os rapazes jogam as cartas...

nham-se jogando, e as raparigas aproveitavam o tempo lendo, cozendo ou fazendo crochet. Rapazes e raparigas grevistas tocavam pelas ruas de Paris, e o auxilio prestado pela população mostrou a simpatia popular que envolveu o movimento dos empregados bancarios.

A greve que terminou na quarta feira, 8, depois de setenta dias de



O comité da greve dos empregados dos Bancos em Paris luta, era dirigida por um comité com delegados da todas as centrais sindicais: C. G. T. da rua Lafayette, C. G. T. Unitaria e Federação Cristã dos Empregados Bancarios. O governo francez á semelhança do que fizera

ACTUALIDADES

o mr. Baldwin em Inglaterra, em relação á industria carvoeira, prometera um subsidio para que os Bancos satisfizessem as reclamações dos empregados. Seria esta concessão que determinou o fim da greve?



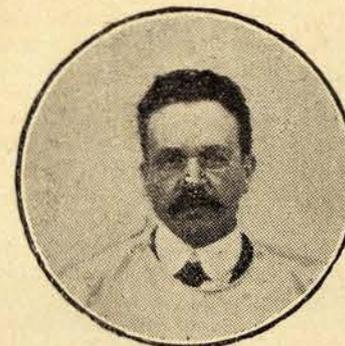
... e as raparigas cozem e fazem crochet

A revolta da China contra o domínio estrangeiro



Raparigas estudantes chinezas que em importante manifestação, em que figuravam mais de 50.000 pessoas, percorreram as ruas de Pekin protestando contra o dominio estrangeiro.

Mais um delegado á Russia



Cezar Porto

Como delegado da Associação dos Professores de Portugal, aderente á Internacional do Ensino, foi assistir ao congresso desta internacional de educadores que se realizou em Bruxelas nos dias 23, 24 e 25 do mês findo, o director — tecnico da Escola Oficina n.º 1, sr. Cezar Porto. Findo o congresso, o erudito professor e distinto homem de letras partiu para a Russia tomando parte, como representante da Associação dos Professores de Portugal, na excursão de estudos da Internacional de Ensino feita a convite da Federação Pan-Russa dos Trabalhadores de Ensino. A excursão durará um mês e tem por fim estudar a obra realisada pelos soviets em materia de instrução e educação.

Ricardo Mella



Ricardo Mella discursando num banquete realizado em Parcelona

Com 64 anos faleceu em Vigo, sua terra natal, o conhecido, operoso e ilustrado escriptor anarquista Ricardo Mella a quem os militantes no movimento social português devem uma grande parte dos seus conhecimentos pois a mentalidade revolucionaria portuguesa foi feita através de Espanha e Mella colaborou intensamente em todas as publicações operarias e anarquistas que desde 1861 se publicaram em Espanha, além de ter deixado varios estudos e conferencias sobre variados problemas de interesse social que circulou em folhetos.

Greve de marítimos em Inglaterra



Greve dos marítimos ingleses — Uma manifestação dos grevistas nas ruas de Southampton

Estão em greve os trabalhadores do mar em Inglaterra. Por tal motivo as docas britannicas estão privadas de todo o trápico.

O POVO E AS REVOLUÇÕES

A REVOLUÇÃO DE 1830

A primeira metade do século XIX dá-nos, em França, o tipo das revoluções populares, isto é, aquelas em que o povo se destaca pela sua acção espontânea e os chefes se eclipsam no movimento das ruas, exercendo uma influencia meramente teórica.

Reinava Carlos X, o antigo conde de Artois e irmão do guilhotinado, Luís XVI, que tão assinalado papel representara nos fastos da Grande Revolução, chefiando os emigrados, e que pretendia, atravez de tudo, ressuscitar os princípios tradicionais do absolutismo.

A 12 e 19 de julho a batalha eleitoral dá a vitória ás oposições liberais e o rei publicava uma série de decretos.

O primeiro suspendia a liberdade de imprensa; o segundo dissolvia a Camara dos Deputados; o terceiro reduzia o numero dos deputados; o quarto convocava novos collegios eleitorais para setembro. Um outro decreto chamava ao Conselho d'Estado os antigos chefes da policia Frauchet e Delavau, que exprimiam o que havia de mais impopular e violento nas hordas conservadoras.

Depois de assinados, estes decretos, Carlos X dissera para os seus intimos: — Agora, meus senhores, é para a vida e para a morte.

Logo que se soube do conteúdo dos decretos, que o *Monitor* publicou, os rapazes, no jardim do Palais Royal, subiram acima dos bancos e leram o *Monitor* á multidão que prorompeu em gritos e assobios aos decretos e aos ministros. A gendarmaria fez sair tudo do Palais Royal. A multidão espalhou-se pela cidade, e com ella a noticia dos decretos e a excitação á resistencia.

Isto tudo trazia á ideia as scenas de 1789 nas vespères da tomada da Bastilha.

No dia 26 de julho, Carlos X foi despreocupadamente caçar para o Romboniellet e quando regressou ao palacio e soube do estado de excitação de Paris nomeou o marechal Marmont, veterano das guerras napoleonicas, governador militar de Paris.

Reunidas as tropas do seu comando, Marmont distribuiu os diversos corpos de que dispunha para os pontos principais de Paris com ordem de varrer tudo o que encontrassem. A resistencia manifestava-se precisamente na visinhança do quartel general de Marmont estabelecido no Carroussel. Levantaram-se algumas barricadas mas ás 9 horas da noite o povo dispersou. O dia 27 de julho terminou assim.

Mas, no outro dia, de manhã, as ruas e as praças publicas estavam coalhadas de estudantes, operarios, caixeiros, armados de tudo quanto pode servir de instrumento de combate. A fabrica de polvora de Salpêtriére foi tomada; a padaria militar igualmente invadida. Havia pão e munições.

Marmont destacou quatro colunas de ataque contra Paris sublevado.

A primeira columna, do general Talon, expulsou do Palacio Municipal os revoltosos, mas não tardou que se visse bloqueada pelas barricadas que se tinham levantado de todos os lados. O povo retomava a cada momento a offensiva e investia com denodo.

A segunda columna, do general Quinsonnas, debaixo da saraivada de projecteis que caíam de todas as janelas, conseguira estabelecer-se no mercado dos Inocentes, onde foi encurralada.

A terceira columna, do general Saint-Chamans, marchou até á praça da Bastilha e quando deparou com as barricadas que não poudes subjugar quiz voltar para traz, o que não conseguiu pois o caminho na retaguarda fôra rapidamente obstruido.

Só a quarta columna, que não passára além da rua Richelieu, encontrou poucos obstaculos, sem todavia influir de qualquer modo na acção.

O povo parisiense mostrava um maravilhoso instinto de guerra nas ruas. Esse exército sem general operava espontaneamente, com tanta unidade como se fôsse comandado por um grande capitão. Mulheres e crianças faziam cartuchos e transportavam munições. Todas as portas se abriam aos revoltosos e se fechavam aos soldados.

No quartel general lavrava um grande desalento. Vendo cortadas as comunicações entre os seus logares tenentes e considerando a batalha perdida, Marmont expedira ordens de retirada. Poucas foram as tropas que o conseguiram fazer atravez de mil dificuldades. Mas em toda a parte ellas foram accossadas, mutiladas, destroçadas.

A batalha durou tres dias. Tinha custado cara: nada menos de 5.300 mortos e feridos do lado do povo. Em nenhuma das lutas revolucionarias de Paris se vira uma cousa assim.

O velho Marmont, que figurara em mais de cem terribes batalhas, estava desolado. Nunca supozera que a sua experiencia da guerra fosse suplantada pela revolta popular.

Resultado deste esforço heroico do povo de Paris? Carlos X foi destronado e Luiz Filipe occupou o trono de França como rei constitucional. Não valera a pena tamanho sacrificio.

O nosso fim, porem, não é apreciar aqui os resultados, mas sim as possibilidades da acção popular, patentes-lhas para que lhe sirvam de ensinamento para o futuro.

Há certa classe de escritores de brilhante superficialidade e de conceituoso estilo que veem com magnifica clareza tudo o que está situado no primeiro plano da perspectiva moral do mundo, e o explicam admiravelmente. Sabem dar forma suggestiva e amena ás ideias mais vulgares, ainda que sem profundez. Por isso adquirem grande fama entre as intelligências mediores, que são a grande maioria dos que os lêem.

TOLSTOI

O RIFF CONTRA A FRANÇA E A HESPANHA

Neste momento vão iniciar-se as grandes operações combinadas dos exércitos espanhol e francês, contra a pequena república do Riff que não conta mais de 300.000 habitantes e que não pode portanto pôr em armas mais de 50.000 combatentes. Esta guerra dos dois colossos europeus contra o pigmeu africano, qualquer que seja o seu desfecho, é, e será por muito tempo ainda, a admiração das gentes perante a assombrosa audácia dos rifenhos.

Desde 1921 que os rifenhos se batem vitoriosamente contra a Espanha. No outono último Abd-el-Krim infligiu a Primo de Rivera, o odioso ditador, que se havia trasladado em pessoa a Marrocos para dirigir os seus generais batidos e descontentes, reveses humilhantes seguidos de capitulações e de retiradas estratégicas que os comunicados do Directório Militar transformavam em gloriosas façanhas. Nada menos de 50.000 mortos, feridos e prisioneiros, perderam os espanhóis na ultima fase da campanha. O êxito dos rifenhos devia provocar uma certa efervescência entre os mouros e as cabilas da zona francesa. Foi o que de facto sucedeu. O solo começou a oscilar de baixo dos pés do ocupante francês.

Houve um tempo em que os franceses acalentaram Abd-el-Krim fornecendo-lhe armas e munições. Mas depois da vitória rifenha a atitude dos franceses modificou-se radicalmente. Os jornais de Paris puzeram em destaque o perigo que representava para o norte de Africa na possessão da França, a existência duma república indígena independente. E assim, inesperadamente, começou a ofensiva francesa contra o Riff. Os rifenhos ripostaram imediatamente pondo em perigo as cidades de Fez e de Tazza, na primeira das quais reside habitualmente o sultão marroquino, que não é mais do que um serventuário do imperialismo francês.

Viu a França que uma guerra com a jovem república africana tinha de ser levada a fundo e rapidamente, o que não era tarefa fácil conseguir-se proceden-

do ela isoladamente. Eis porque a França recorreu ao auxilio espanhol. A Espanha, depauperada por esta guerra de tantos anos, entra de novo em Marrocos acorrentada pela França. Os massiços montanhosos do Riff são quasi inacessíveis à invasão das tropas franco-espanholas. E

os 50.000 rifenhos, bons atiradores, podiam, neste terreno, fazer frente aos 200.000 homens europeus que a Espanha e a França mobilizaram. Entretanto, os aviões espanhóis e franceses ameaçavam seriamente as aldeias do Riff. Então os rifenhos tomaram o expediente de dividir os 48.000 prisioneiros franceses e espanhóis que conservavam em seu poder pelos seus acampamentos, tornando-os as primeiras vítimas dos bombardeamentos aéreos no caso destes se efectuarem. E assim, a aviação na guerra do Riff está reduzida ao papel dum serviço de vigilância e exploração, simplesmente.

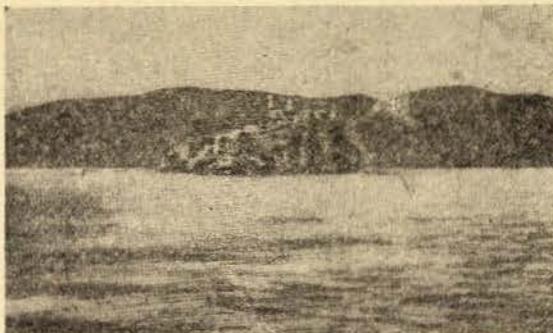
A campanha do Riff não é uma aventura fácil para a França e para a Espanha, mesmo dispondo dos recursos de que dispõem. Os franceses e espanhóis morrem nesta guerra na proporção de 16 para um rifenho. Dificilmente, e só ao fim de alguns anos, o Riff poderá ser vencido, se o for algum dia.

Os rifenhos aumentam em audácia à medida que os perigos os cercam de mais perto. A tomada da ilha de Alhucemas, a ofensiva que eles desenvolvem sobre Fez, sobre Melilla e Tetuan, assim o comprovam. Neste momento mesmo, franceses e espanhóis bombardeiam a Costa rifenha para proteger um grande desembarque de tropas. Há três dias que dura a tentativa sem nenhum resultado para os europeus.

Esta guerra não pode ser indiferente ao proletariado. Ele deve em toda a parte hostilizar a guerra de conquista dirigida contra os povos coloniais que lutam pela sua libertação. A perda dos mercados coloniais representa um golpe profundo vibrado nos imperialismos e o seu enfraquecimento só pode ser útil ao triunfo do proletariado.



Um tipo de mulher moura, de Fez



A ilha de Alhucemas tomada pelos mouros aos espanhóis



Desenrola-se perante os meus olhos a vastidão incomensurável do Oceano. O Sol cae do alto em radiações fulgurantes. E a burguezia embarca-se tranqüila na nau *Aventura*, cujas vélas, em curvas graciosas, uma brisa suave enfuna.

A bordo o *champanhe* estoira e o líquido doirado espuma nas taças transparentes.

Há colos niveos de mulheres que se mostram e oferecem realçados de pedraria cintilante; há ventres rotundos impados de orgulho e olhares cubicosos que prescrutam as carnes palpitantes atravez das gazes vaporosas e das rendas macias.

A arte aguilhoada e assalariada lá está também. Instalados no tombadilho, hirtos nas suas casacas de laçaios, os músicos fazem vibrar os violinos em acordes sonoros e esfusiantes.

Dança-se. A orquestra enche agora o espaço com a sua música duma sensualidade estranha e excitante. Os corpos enlaçados, contorcem-se e requebram em atitudes equivocadas.

E eis senão quando uma ligeira nuvem que surgiu do seio das águas fixou-se no horizonte e foi-se pouco a pouco condensando e crescendo de volume.

E' já enorme a nuvem, ofuscando o Sol, e alastra mais e mais, dum lado a outro, até fechar o círculo que envolve o navio. Este, sente-se bruscamente sacudido por vagas furiosas que o assaltam sem repouso. Homens e mulheres varrem o convez com as vestimentas caras, rolam de encontro às amuradas, ora a bombordo, ora a estibordo, acompanhando aquela dança epilética do gigante que o mar sacode freneticamente.

O vento sopra rijo e arrasta pelos ares em fóra os mastareus e as vélas cimeiras.

Há gritos de pavor e desespero.

E os músicos, hirtos nas suas casacas negras, solénes como o Destino, fazem côro com a tempestade, atirando aos ares os sons agitados e febris dos seus violinos.

O ciclone redobra de furor.

Agora são as gáveas e os velachos que vóam em turbilhão. No convez, feita lama, feita farrapos, a móle imensa das gentes burguezas, supplica e implora, acenando joias e notas de banco.

De pé, erectos como árvores ciclopicas a destacar na planície, os marinheiros, de rostos tismados e rugosos, cruzam os braços, desafiando estoicamente a morte.

— Salvae-nos! Salvae-nos! — imploram as vozes angustiadas.

E os marinheiros, netos de Espartaco, transmitindo a dôr de muitas gerações, replicam severos:

— Não! E' necessario que morreis! Vós sois o verme que corrê o fruto e que ataca os pampanos viris destruindo as colheitas. Não, não podereis viver mais! A

vossa vida de prazer é amassada de muitas lágrimas e edificada sobre misérias inenarráveis...

— Pois quê?! — proseguem as vozes supplicantes. — Esqueceis que fomos nós que applicámos as descobertas da sciência, intensificando e facilitando o labor humano? Sem a nossa iniciativa, como terieis o transatlântico, o caminho de ferro, o telégrafo e o telefone, a grande fábrica, o alto forno e a electricidade?

E o vento em fúria soprou numa rajada.

— Sim, fizestes tudo isso, não por amor d'alguem, mas no vosso interesse próprio. Porém, hoje, retendes a maquina parada, enquanto milhares e milhões de creaturas sofrem a fome, o que constitue a mais espantosa crueldade!

— Salvae-nos, marinheiros, salvae-nos, que dar-vos-hemos tudo o que precisardes — proseguiram as vozes quasi extintas numa última súplica.

E um trovão enorme, retumbante, ingente, ecoou no espaço como se fosse a humanidade inteira a clamar em unisono: — Não!

E o navio, impellido pela vaga sobranceira, rôto e disperso o resto do velame, dá a borda e faz água por todos os lados.

Os marinheiros, serenos e inflexiveis, olham de frente o abismo que os vai tragar. Os músicos, como espectros intangiveis e moventes, extraem dos instrumentos as notas dum hino magestoso e colossal. Os marinheiros agitam os braços e fazem côro:

— Mais alto! Mais alto!

E os músicos arrancam notas hérculeas que fazem vibrar a Natureza inteira.

Do navio não emergem já senão os topos das escotilhas. Mas vêem-se ainda os músicos vibrando o hino épico e glorioso, vêem-se ainda os marinheiros acenando os braços e bradando sempre:

— Mais alto! Mais alto ainda!

O mar aplaca então as suas iras e o sol, rompendo a custo a treva que o ocultára, vem, num pálido raio de luz, dar o derradeiro osculo naqueles herois que, com o sacrificio da vida própria, marchavam serenamente ao cumprimento do dever.

Mal se distinguem já, mas permanecem ainda, olimpicos como outros tantos Gilliats, a bradar em côro:

— Mais alto! Mais...

A frase não terminára. O mar sorvera nas suas profundezas aquelas vidas heroicas.

O Sol voltou a espelhar os seus raios cintilantes na imensa toalha líquida, plácida e quiéta, indiferente ao drama a que acabara de assistir.

E parece que no espaço infindo gemem agora os violinos doloridos num supremo e interminável adeus à vida.

Adolfo Morais

OS GRANDES MISTERIOS DA VIDA

As explorações do «Mar de Sargaços» vieram revelar uma existência animal nas grandes profundidades sem luz e sem calor.

Pelos tempos fora, o mistério infinito dos mares tem impressionado a alma humana. Primeiramente, a lenda e a superstição, quasi sempre nascidas da alucinada imaginação de navegadores em perigo, vieram insinuando a existência de palácios submersos com as suas incomensuráveis riquezas, de monstros terríveis assolando navios que se aventuravam por paragens extranhas, de imensos tesouros contidos nos cascos naufragados, e de tempestades formidáveis varrendo os oceanos e ingerindo continentes.

As descobertas, porém, foram quebrando o mágico prestígio da lenda, e a lenda buscou o refúgio da literatura, que a absorveu e a diluiu, para servir hoje à fantasia heroica de almas romanescas. A sugestão lendária, que a curiosidade popular alimentou, de países faustosos e deslumbrantes, o El-dorado, o reino de Preste João, o País de Lotus, vivem apenas em recordações subjectivas. E até a imensa Atlantida, que se diz sepultada no fundo insondável do Oceano, passou para o mero campo das hipóteses.

Apressando o declínio da lenda, surge agora a Ciência a desviar as preocupações humanas, a impulsional para uma directriz mais materialista e natural. Os sábios veem afogar a superstição dos marinheiros que outrora perscrutavam o Oceano numa ansiosa cubiça. E já o Oceano se tornou, perdida a lenda, num campo inconstante de estudos e de observação.

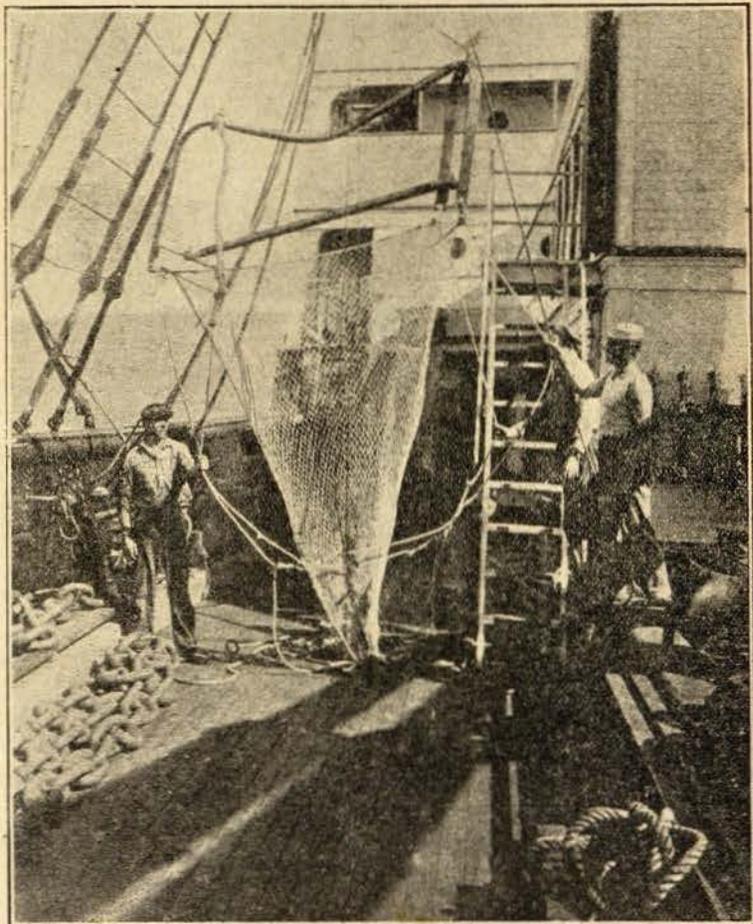
Tôda a região misteriosa do Atlantico, a estender-se entre as ilhas dos Açores, das Canárias e de Cabo Verde, esse *Mar dos Sargaços* que desafia a admiração e a curiosidade dos que navegam, passou a ser invadida pelos sábios investigadores, que procuram persistentemente conhecer a natureza das grandes quantidades de sargaço que, em determinadas épocas, cobre aquela região marítima. O que mais absorve a investigação dos sábios é o estudo da fauna extremamente curiosa que vive, não se sabe se com o carácter permanente ou accidental, neste extenso drado fluctuante e nos abismos occultos sob a superfície líquida. Há menos de um século não se poderia compreender, na ignorância da sua existência, a vida desta fauna em trevas cerradas e permanentes, sob temperaturas geladas, enfim, numa região sem luz e sem calor, sem os recursos que os seres não dispensam para conseguirem vida própria. Ninguém ousaria contestar a asserção científica sobre a impossível existência de organismos animais numa profundidade de 1600 metros, na qual a pressão da água é de mil quilogramas por uma polegada quadrada!

Admitia-se como intangível esta verdade científica, que impedia

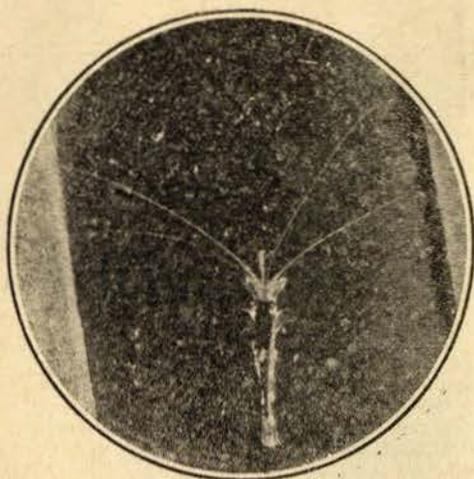
a veicidade de investigação, tão difícil como inútil. Mas a Natureza desmente tôdas as hipóteses humanas, transforma incessantemente todos os princípios scientificos — a vida é infinita! — E um acaso, imprevisito e caprichoso, modificou profundamente, vertiginosamente, todo o critério estabelecido como irrefutável.

No ano de 1861, um obscuro navio, cruzando o Mediterrâneo fez uma sondagem que foi até mais de 2000 metros. Sentiu-se a bordo que o cabo atrado á profundidade sofrera uma rutura. E quando a tripulação o meteu a bordo, no banal intento de repará-lo, notou-se com espanto, com admiração, com curiosidade, que vários fragmentos do cabo estavam cobertos por animais de espécie desconhecida. Por requinte de intelligência ou de curiosidade, alguém se lembrou de enviar fragmentos do cabo a um homem de ciência — e o sábio declarou não conhecer estes animais de uma espécie *nova*.

Sucederam-se logo as expedições oceano-gráficas, distinguindo-se nelas o Príncipe de Mónaco, que conseguiu



Uma das rédes que usam os exploradores do Mar dos Sargaços depois de ser içada.



os mais preciosos e notáveis resultados com os seus navios exploradores.

Nada, porém, se avançava no conhecimento da ciência. E como seria possível avançar para além do obstáculo formidável que as expedições científicas encontravam na profundidade sem luz e sem calor? Nada se podia averiguar, nem, sequer, vislumbrar numa atmosfera tão densa que recursos humanos não roupiam. E perder-se ia toda a esperança de conhecer, de saber, se a Ciência, mais forte do que todos os sub jectivismos e mais racional do que todos os conceitos, não fôsse persistente nas suas trabalhosas e, tantas vezes, pouco compensadas investigações.

E o conhecimento da Ciência surge invariavelmente fragmentado e impreciso, versátil e hipotético, até que uma derradeira descoberta vem estabelecer e firmarmos princípios, depressaabalados e contestados pelo sequioso espirito da Humanidade.

Persistem, pois, as explorações dos mares, onde uma fauna desconhecida surgiu. Persistem, também, os estudos d'esses estranhos organismos, que se deformam desde que sobem das enormes pressões do abismo às nossas menos densas atmosferas.

Desde Fevereiro do ano curso, um navio americano, da Sociedade Zoológica de Nova-York, posto à disposição do grande naturalista William Beebe, anda sondando, com admirável constância, *Mar dos Sargaços*. A exploração faz-se com espirito de aventura, esperando ansiosamente que uma descoberta, ou simplesmente as experiências feitas, determinem com precisão os recursos a empregar na perseguição dos êxitos positivos. Manejam-se cautelosamente os aparelhos de pesca para evitar que lesões causadas nos animais venham agravar as naturais dificuldades. Só depois de muitas horas, ou de muitos dias, de esforços violentos, se encontrará, possivelmente, um desejado fruto de tanto e tão paciente trabalho. E tantas vezes se inutiliza instantaneamente o trabalho com sacrifício executado: as redes cortam-se ou desaparecem, os aparelhos são avariados por um esforço demasiado intenso, as âncoras são quebradas e ficam prisioneiras de rochas ignoradas.

E muito raramente, uma expedição tem a felicidade

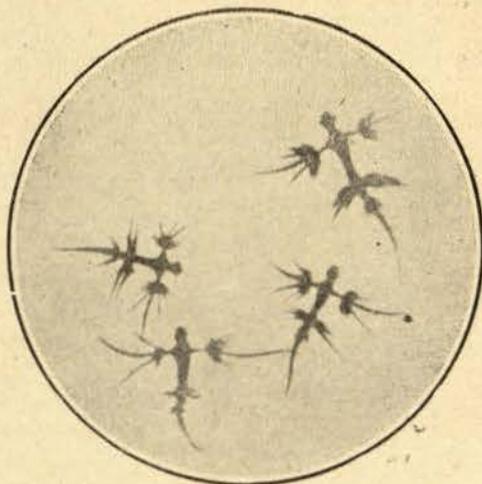
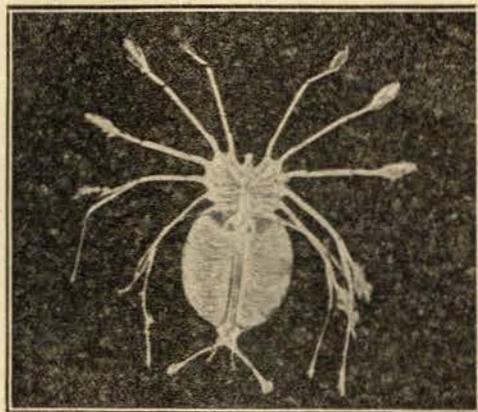
de conduzir a bordo abundantes exemplares da fauna abisal, cuja vista alucine de alegria os esforçados exploradores. E se os achados surpreendem os sábios, o esforço dispendido tem a maior e a mais querida compensação, o mais forte estímulo para regressar ao labor ingente, quasi super-humano.

A bordo de um navio explorador, nada mais interessante do que a análise que se faz às espécies capturadas. A rede de pesca é metida em enormes recipientes cheios de água do mar e, depois de ficarem separadas as grandes espécies, procede-se a um demorado e minucioso exame a cada malha. Este exame é motivado por se saber que bastantes espécies vindas do abismo, são muito pequenas e quasi translúcidas.

As cores da fauna variam conforme a profundidade. Numa zona incolor, quasi à superfície das águas, vivem milhões e milhões de seres quasi indistintos, mas de uma pura transparência. Algumas destas espécies são os *sagittae* e as *simonoforas*, que constituem estranhos agregados, nos quais cada organismo desempenha naturalmente a sua função própria e carecterística.

Na outra zona do mar, a zona vermelha, os animais que a habitam devem supô-la negra, dada a ausência de raios vermelhos. Em todos os animais predomina a cor rubra, devido á profundidade. Onde os pigmentos da fauna são negros, é na extrema profundidade do mar. A fantasia humana mais alucinada, ou a mais complexa cultura, seriam impossíveis a conceber espécies de assombrosos caprichos morfológicos.

Assim, devassando as profundidades do misterioso *Mar de Sargaços*, no encontro de uma vida natural e animal que a Ciência contestaria, se lho afirmassem antes do seu pressuroso raciocínio, vão os homens aprendendo quanto é infinita, quanto é complexa, a espontânea criação da Natureza, a geração imortal da Vida. Bem haja o triunfo da Ciência, que destrói a lenda, que dilui a superstição, que apaga o preconceito e afoga a estreiteza dos homens!



Caracóis marinhos que deixaram a sua concha para vir á superfície. — Um exemplar translucido capturado a pouca distancia da superfície. — Um caranguejo das grandes profundidades do Atlantico.

IDEOLOGIA

por FERREI



RA de CASTRO

Há os que vendem a alma a si próprios. Os que comercializam consigo mesmo. Aqueles que negociam intimamente a morte, por alguns minutos de prazer animal. — Aqueles que um dia tentaram suicidar-se e que, depois, ante as fugazes voluptas da vida, louvam o fracasso da tentativa.

É muito doloroso saber que todos os rebeldes são passivos ante a morte...

Todas as portas que o homem abriu para além da morte, são ainda portas da vida. E é por elas que passa, enrugada e lívida, a covardia humana.

Quando um homem for verdadeiramente livre, as idéas não terão mártires — terão químicos. Até hoje a longa estrada das idéas, esteve debruada de postes, erguidos pelos seus adeptos. Postes mais altos do que aqueles que erguiam os adversários. E por isso hoje um homem de idéas é duplamente escravo de suas teorias e dos que as aplaudem. A primeira reacção a fazer é desalojar definitivamente a Idéa do coração, para instalá-la no cérebro. Entre o pensamento e sentimento há um velho erro de inquilinato...

Só depois de se escravizar a morte, pode existir o verdadeiro homem livre. E esse homem livre terá ainda, para ser livre, de dominar a vida.

Só existe a nossa beleza, como só existe a nossa verdade. A verdade dos outros, é mentira; a beleza que os ou-

tros vislumbram é uma ficção. O único indivíduo com personalidade é aquele que nunca se faz compreender.

É a excepção que forma a linha de continuidade. Todas as balizas são outras tantas excepções — e são elas que marcam o caminho a seguir, deixando à rearguarda o campo inmutável, que é a regra. E esta só aparece nesse intervalo que vai desde o morte duma excepção ao nascimento de outra.

É por isso que me interessa tudo que é anormal. É a anormalidade que tem ajudado o homem a descobrir o mundo. E também a si próprio.

O prazer é a única realidade da vida. Se ele não existisse a própria dor humana deixaria de ser eterna. Mais do que a harmonia universal, eu admiro esses utilitaristas que nunca descobriram a inutilidade da vida. Se o tivessem descoberto, o suicídio passaria a ser uma lei. E eles dariam o exemplo — heroicamente...

O único heroe digno do nosso século seria o pintor que erguesse um andaime mecânico para ir fazer no firmamento decorações modernistas...

Esse espectáculo podia acelerar, levando-as à morte, as horas pardas e lentas de meu tédio.

Ferreira de Castro

O MUNDO CURIOSO

A previsão meteorologica

Depois da tornada que devastou recentemente o vale do Missouri, aspirando nos ares as casas e as árvores, matando e ferindo milhares de pessoas, muita gente se admirou de que tão pavoroso flagelo não tivesse sido previsto em tempo útil.

A questão liga-se, de uma maneira geral, à da «previsão do tempo». Os agricultores e os marítimos folgariam bem de saber o tempo provável do dia seguinte, ou melhor ainda, da semana, ou incomparavelmente melhor, do mês.

As previsões úteis dos meteorológicos oficiais até à data presente, teem sido nulas, tendo-se demonstrado que ao chegarem ao seu destino, foram já na maioria das vezes desmentidas pelos factos.

Por outro lado, os «observadores locais», bons camponês em serviço nas trincheiras previram algumas vezes

com uma previsão espantosa o tempo que faria no dia seguinte, e os aviadores deram-se bem com os seus avisos.

E no entanto toda a sciência desses bons homens vem das suas máximas e adágios e, tambem, da sua intuição pessoal.

Estará bom tempo se alveloas voam alto e se cantam mais do que costumam; se as aves de presa pairam muito alto; se as abelhas e as vespas são matinais; se as moscas voam depois do ocaso do sol; se os vagalumes são numerosos à noite, etc.

Choverá se as aranhas não urdem as respectivas teias; se as melgas se multiplicam e as gaivotas e outras aves aquáticas voam no interior das costas, etc.

«Nos países onde as tornadas são bastante frequentes, como nos Estados-Unidos e nas Antilhas, certos habitantes, as mulheres em particular, são muito sensíveis fisicamente à aproximação do flagelo», dizem vários autores. Na mesma ordem de ideas, as mulheres «tous-

regs» sentem a aproximação do «simoun» com uma semana de antecedência.

A meteorologia não é ainda uma ciência precisa mas virá a sê-lo.

Os grandes principios da ciência meteorológica, sob um ponto de vista geral, resumem-se no seguinte: a atmosfera é um fluido em perpétuo movimento, que se manifesta por variações de pressão. A sua causa é só uma: o calor solar.

Resumindo, a atmosfera terrestre, inserida entre as costas e as montanhas é um verdadeiro fluido motor, constituindo o conjunto uma maquina termica. A fornalha é o sol.

Isto posto, torna-se preciso considerar no fluido atmosférico os mesmos factores que a termodinamica considera nos fluidos motores de maquinas, isto é, a temperatura e a pressão.

A tornada ou ciclone não passa dum caso extremo. O ciclone na opinião dos meteorólogos existe dum modo quasi permanente. Um ciclone não é forçadamente um cataclismo. Piddington, o primeiro a introduzir este nome na sciência em 1846, entendia dever dar-lhe apenas o sentido muito geral de: «zona de depressão atmosférica».

A atmosfera, com os seus vinte quilometros de espessura, é um oceano cujas vagas são «internas», sendo o fluido dêsse oceano elástico. E' por variações de pressão que se traduzem essas vagas. O barometro indica as suas fórmãs.

Quando um dia o espaço fôr cortado por aviões voando a grande velocidade e que não percam nunca o contacto com os postos terrestres da T. S. F. e quando esta tenha a evolução sufficiente para fornecer sinais automaticos, as estações meteorológicas fixas ou moveis multiplicar-se-hão com pouco dispendio.

As estações internacionais centralizarão então — provavelmente com aparelhos que dêem a visão continua dos traçados isobaricos — esclarecimentos extremamente numerosos. A aviação, principal interessada, lhe dará o seu concurso mais eficaz.

Só então, munidos de numeros indicadores da pressão, a temperatura e a direcção do vento em número infinito de estações, os meteorologos poderão fazer uma ideia prática da sua sciência.

Cuidemos dos nossos dentes

Um dente cariado é um ninho de micróbios. A breve trecho estabelece-se um foco de supuração: abcesso, gengivite, e o estado último — périostite.

E mais. No dizer de vários autores americanos, considerados como mestres na arte dentária, as supurações de origem dentária na gengival teem uma influencia decisiva sobre o coração, os rins ou o figado.

O pus que se forma continuamente na extremidade das raizes, em uma espécie de bolsa que constitue o quisto dentário, passa para o sangue e para os vasos linfáticos e pode contaminar a distancia certos órgãos em estado de menos resistência ou encarregados como os rins ou o figado de eliminar ou de neutralizar os productos nocivos do orgaismo.

Os outros accidentes provocados pela má denteição, são sobretudo de natureza digestiva e, por isso, repercutem-se sobre todos a economia.

Mal triturados, insufficientemente salivados, os alimentos chegam ao estômago para o submeter a uma secreção e a uma fadiga excessivas. Assim, vão produzindo perturbações gastro-intestinais, agravadas pela incessante absorção do pus formado na bôca.

Além disso, o ar inspirado passando por este meio

infectado pode veicular micróbios até nos pulmões e originar afeções dêstes órgãos.

Uma má denteição pode desde a infância exercer a mais prejudicial influencia.

O desenvolvimento dos ossos e das fossas nasaes acha-se inteiramente ligado ao dos dentes.

Certas malposições dentárias provocam um estreitamento (atresia) das fossas nasaes, e de aí uma respiração nasal defeituosa e tendência para a respiração bocal.

As conseqüências: insuficiencia do desenvolvimento dos pulmões e predisposições para as afeções pulmonares, doenças de garganta, etc.

Os cuidados higiênicos da bôca são dos mais simples e apenas necessitam de utensilios rudimentares: uma escova de dentes, uma caixa de pó dentifrico e sabão de toilette.

A escova de sedas de porco deve ser de forma curva para poder esfregar a face interna dos dentes, não sendo as sedas muito apertadas para facilmente poderem ser lavadas.

E' má prática conservar a escova dentro de água porque lhe torna as sedas moles e as apodrece. E' preferível, depois de a usar, submetel-a a uma solução anti-septica, pondo-a depois a secar ao abrigo do pó, cobrindo-a com uma gaze fina.

Os pós a usar devem ter por base o carbonato de cal, de magnésia, aos quais se devem associar anti-septicos não irritantes e, tanto quanto possível, de sabor agradável.

Devem ser postos de parte os assucares, que fermentam na bôca, os pós vegetais que podem conter mofo.

Na alimentação também deve haver o maior cuidado, evitando comidas fermentáveis, pasteis, compotas, etc., e os acidos, especiarias, tabaco, alcool, etc., que provocam inflamações nas gengivas, salivação abundante e um superproducto de tártaro.

Não se devem quebrar fios nem corpos duros com os dentes, provocadores da ruina do esmalte dentário e procure-se evitar qualquer infecção.

Espirito de contradição



Por espirito de contradição, talvez, esta italiana e este americano enfrentam a moda dos cabelos curtos e da cara rapada deixando crescer os cabelos e a barba. Eis as maiores barbas e os maiores cabelos do mundo.

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Condições de assinatura:

Portugal e Espanha

3 meses	9\$00
6 »	18\$00
Ano	36\$00

Exterior

6 meses	21\$00
Ano	43\$00
Numero solto	1\$50

ANUNCIOS

No interior e ultima pagina da capa, ilustrados e a
côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A — LISBOA